



O BRINCAR NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO DE CRIANÇAS INTERNADAS EM UM HOSPITAL DE ALTA COMPLEXIDADE

PLAYING IN THE CONSTRUCTION OF THE GENDER IDENTITY IN CHILDREN HOSPITALIZED IN A HOSPITAL OF HIGH COMPLEXITY

*Beatriz Paulo Biedrzycki e **Silvana Vilodre Goellner

RESUMO

A hospitalização pode se configurar como um evento estressante e traumático para a criança, sendo o brincar um comportamento frequentemente observado, agindo de forma terapêutica na hospitalização. Esta pesquisa teve como objetivo analisar o brincar de crianças internadas em um hospital de alta complexidade evidenciando as relações de gênero presentes na escolha dos brinquedos e brincadeiras. Como sujeitos da pesquisa foram selecionados 4 meninas e 2 meninos cuja observação ocorreu utilizando um protocolo específico e um diário de campo. Feita a coleta e análise de dados observei que os meninos utilizavam mais brincadeiras de regras enquanto as meninas interagiam com atividades relacionadas ao espaço doméstico. Em relação à interação entre eles percebi que as meninas passaram muito mais tempo solitárias comparando aos meninos. Quanto ao tipo do brinquedo, meninos se mostraram mais dispostos a utilizar o brinquedo cognitivo, enquanto as meninas permearam por todos os tipos de brinquedo.

Palavras-chave: Jogo; Criança; Identidade de Gênero.

ABSTRACT

The hospitalization can be a stressfull and traumatic event for children, reason why play is a behavior often observed, acting in a terapeptic way in the hospitalization. This investigation had as an objection analysing the play of hospitalized children in a hospital of high complexity evidencing the gender relations presents in the choice of toys and the play. The subjects of this investigation had been select 4 girls and 2 boys, and the observation occurred by a specific protocol and a camp diary. After the data collect, I observed that boys used more rule games, while girls interacted with domestic activities. When we observed the interaction between them, I noticed that the girls spent more time alone. How about the tipo of the toy, boys have been more willing to use cognitive toys, while girls permeate all types of toys.

Keywords: Play; Child; Gender Identity.

Recebido em: 14/02/2017
Aprovado em: 26/03/2017

*Hospital de Clínicas de Porto Alegre, Porto Alegre, RS
Email: beatrizpaulob@gmail.com

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
Email: vilodre@gmail.com



INTRODUÇÃO

De acordo com o artigo 2º da Lei 8.080 de Setembro de 1990 que dispõe sobre as condições para a promoção, proteção, recuperação da saúde, organização e o funcionamento dos serviços correspondentes; a saúde é um direito fundamental do ser humano e é dever do Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício (BRASIL, 1990). Quando falamos de hospital devemos lembrar que a fragilidade causada pela doença, pelo afastamento do ambiente familiar, requer uma atenção ainda maior da equipe ao usuário (PNH, 2009). Dentro dessa Política de Humanização (2009), cabe lembrar a Clínica Ampliada, que busca olhar o paciente não apenas como a doença que ele possui, mas sim como sujeito com diferentes características, não privilegiando somente as informações clínicas.

Loch e Florindo (2012) realçam que atividade física tem sido abordada na pauta da saúde pública brasileira - e que a solicitação para que a Educação Física integre os currículos das Residências Multiprofissionais em Saúde tem sido crescente. Gaino (2014) afirma que o brincar é uma boa estratégia para acessar de maneira lúdica os conteúdos relacionados à noção de identidade de gênero da criança. Mott e Enumo (2002) em seus estudos perceberam que o brincar é o comportamento mais frequente da criança hospitalizada, trazendo consequências positivas, como divertimento, alegria e felicidade, agindo de forma terapêutica na hospitalização, o que pode se configurar como um evento estressante e traumático para a criança. (ROZA, 1993)

A brincadeira é universal, facilita o crescimento e, portanto, a saúde; o brincar conduz aos relacionamentos grupais; o brincar pode ser uma forma de comunicação (WINNICOTT, 1975), uma vez que a sua linguagem não está suficiente desenvolvida para expressar sentimentos, logo, o brincar vem como uma ferramenta para a compreensão do comportamento da criança (MACHADO, 2003). O brincar pode ser entendido como um comportamento que possui um fim em si mesmo, que surge livre, sem noção de obrigatoriedade e exerce-se pelo simples prazer que a criança

encontra ao colocá-lo em prática (CORDAZZO; VIEIRA, 2007). Mas, mesmo sendo livre e não estruturada, ela possui regras. Até mesmo uma brincadeira de faz-de-conta possui regras que conduzem o comportamento da criança, como quando ela brinca de ser a mamãe com suas bonecas assume um papel pré-estabelecido do que ela reconhece como papel materno; usando o brincar como forma de expressão da realidade (PELLEGRIN; SMITH, 1998). VYGOTSKI (1991) explicita que o brincar é a primeira forma de cultura da criança, e é algo que pertence a todos e que nos faz participar de ideias e objetivos comuns. A cultura se refere à forma com que as pessoas convivem, se expressam, é o modo com que as crianças brincam, como os adultos vivem, trabalham, fazem arte. Mesmo sem estar brincando com o que denominamos “brinquedo”, a criança brinca com a cultura (MACHADO, 2003). Esta cultura é construída juntamente com o corpo, que constrói conhecimentos continuamente na convivência, na relação, na interação com o outro, sendo entendido como um constructo social e cultural, em outras palavras, “o corpo aprende o que nós aprendemos com ele” (ANDRADE, 2008). Tal percepção corrobora com as afirmações de Louro (2014) quando explicita que as identidades de gênero são sempre construídas, não sendo dadas ou acabadas em um determinado momento. Cabe ressaltar que o conceito de gênero é concebido como uma condição social através da qual nos identificamos como masculinos e femininos, não sendo algo que é dado para a pessoa, mas sim construído social e culturalmente (GOELLNER, 2010) sendo diferente de sexo, termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam homens e mulheres (LOURO, 2014).

Com isso, o objetivo do estudo foi identificar no brincar das crianças internadas possíveis relações entre a identidade de gênero, a brincadeira e o brinquedo. Para tanto foi desenvolvida uma pesquisa aplicada, do tipo descritivo, baseado em uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa e qualitativa de caráter descritivo e analítico. Teve como sujeitos seis crianças, dentre elas, 1 menino de 12 anos; 1 menino e 1 menina de 11 anos, 1 menina com 9 anos, 1 menina com 4 anos e outra menina com 3



anos de idade, internadas em um Hospital de Alta Complexidade¹. Foram excluídos da coleta de dados crianças com diagnóstico de doença psiquiátrica; crianças com doenças neurológicas e crianças restritas ao leito. Como principal instrumento de captação de informações foi utilizado desenvolver a o protocolo de observação proposto por Cordazzo e colaboradores (2008). Feita à coleta e análise dos dados discuto o brincar na perspectiva da construção da identidade de gênero de crianças internadas em um hospital de alta complexidade.

A pesquisa está de acordo com a resolução 466/12 e foi aprovada sob o número 16-0328.

METODOLOGIA

Para a coleta de dados foi utilizada a observação direta da brincadeira livre na sala de Recreação da Unidade de Internação Pediátrica, utilizando-se o método de observação por sujeito focal. Os dados da observação foram anotados em um protocolo de observação (CORDAZZO et al., 2008).

A seleção dos participantes da pesquisa se deu, primeiramente por uma busca nos dados do prontuário eletrônico dos pacientes internados. Após, foi entregue para os pais o Termo de Consentimento Livre e esclarecido. Somente participaram da pesquisa os sujeitos que tiveram o consentimento dos pais e da criança.

As coletas ocorreram durante o turno da tarde, durante três dias; totalizando três sessões de observação; todas as sessões com as mesmas seis crianças. Todas as crianças selecionadas para o trabalho foram observadas conjuntamente, no formato de grupo. As observações ocorreram no horário em que a sala de Recreação não estava em horário de funcionamento, às 12h30min, permitindo que somente as crianças participantes da pesquisa estivessem no local. Todas as crianças estavam desacompanhadas do responsável que as acompanhavam durante a internação no momento das observações. Para que isso acontecesse à pesquisadora contou com a ajuda de uma auxiliar para buscar as crianças

no quarto e levá-las para a sala de Recreação e levá-las novamente para o quarto após o término das observações. Somente foram validados os dados dos participantes que estiveram presentes em todas as observações.

Foi utilizada uma ficha de observação para cada criança em cada sessão; totalizando três fichas para cada criança. Nesta ficha de observação foram registrados os comportamentos referentes às interações sociais, aos brinquedos utilizados e as atividades executadas pelas crianças durante a sessão. Cada criança foi observada durante 20 momentos alternados, de 05 segundos cada, em cada sessão. No mesmo protocolo, havia um espaço destinado para descrever a ação da criança observada, funcionando também como um Diário de Observação. Ao final de cada momento de observação, a pesquisadora anotou os dados no protocolo de observação. A pesquisadora realizou as observações. O protocolo de observação foi dividido em três partes, segundo o modelo de observação desenvolvido por Cordazzo e colaboradores (2008). Foram observados:

- Tipo de interação

- a) Ocorrência de interação: atividade em grupo, com outra criança/ adulto. Aqui é importante anotar o número de parceiros e os sexos dos mesmos.

- b) Não ocorrência de interação social: que pode ocorrer de forma solitária ou paralela.

- 1) Não-interação social solitária: criança brinca ou realiza qualquer atividade sozinha, ficando afastada das outras crianças, concentrada no que faz, sem prestar atenção nas outras crianças.

- 2) Não-interação social paralela: ocorre quando duas ou mais crianças brincam ou exercem outras atividades, cada uma com sua brincadeira, sem que uma intervenha na brincadeira da outra. Para ser categorizada como não interação paralela, a criança focal deve estar no máximo a um metro de distância de outra criança.

¹ Conjunto de procedimentos que, no contexto do SUS, envolve alta tecnologia e alto custo, objetivando propiciar à população acesso a serviços qualificados. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2009).



- Tipo de brinquedo

Os brinquedos foram classificados em três subcategorias: cognitivos, sociais e motores. Esta subcategorização seguiu as normas de classificação de brinquedos proposta pela International Council for Children's Play – ICCP, descrita por Michelet (1998).

a) Brinquedos cognitivos: brinquedos para as atividades intelectuais e criativas. A criança precisa estar manipulando interagindo de qualquer forma os seguintes brinquedos: quebra-cabeça, dominó, blocos de construção, jogo da memória, jogos didáticos, damas e trilha.

b) Brinquedos sociais: brinquedos para as relações sociais. A criança precisa estar manipulando ou interagindo de qualquer forma com quaisquer uns dos seguintes brinquedos: dominó, jogo de percurso, batalha naval, damas, trilha, fantoches, bonecos.

c) Brinquedos motores: brinquedos para atividades físicas. A criança precisa estar manipulando ou interagindo de qualquer forma com quaisquer uns dos seguintes brinquedos: Bambolê, balões, tiro ao alvo, boliche, ioiô, corda, piões.

- Tipo de atividade

a) Brincadeira: Qualquer atividade estruturada, desempenhada pela criança, que gera prazer, que possui um fim em si mesmo e que pode ter regras implícitas e explícitas.

1.a) Brincadeira construtiva: Envolve construção, manipulação de objetos com o objetivo de criar algo.

2.a) Brincadeira de faz-de-conta: Situação imaginária da criança que pode envolver a representação de papéis, atribuição de novos significados aos objetos.

3.a) Jogos de regras: São brincadeiras onde existe um conjunto de regras criadas e aprovadas pelo grupo, sendo a violação normalmente penalizada. Essas regras podem ser inventadas ou já pré-estabelecidas de um jogo (manuais). Estes jogos promovem a competição.

4.a) Brincadeira turbulenta: É uma atividade que envolve pular, saltar, correr, empurrar, puxar, perseguir e lutar. A criança exhibe movimentos bruscos e vigorosos, mas sua feição é hilariante.

b) Não-brincadeira: Qualquer atividade que não se enquadra na definição de brincadeira supracitada.

1.b) Desocupado: Quando a criança não está engajada, sem foco ou intenção para qualquer atividade.

2.b) Observação: Quando a criança não está brincando, mas mantém o olhar firme em alguma coisa. Ela pode fazer comentários e conversar com outras crianças sobre a brincadeira, mas não participa ativamente da mesma.

3.b) Exploração: Quando a criança mantém o olhar focado em um brinquedo, o manipula, ou lê as instruções do mesmo, querendo, desta forma, verificar as características e funcionalidades do brinquedo.

4.b) Agressão: Quando a criança apresenta comportamento que inclua qualquer tipo de agressão física ou verbal a outra pessoa. Situações de briga e/ou desentendimento entre crianças, vozes alteradas.

5.b) Transição: Quando a criança termina uma atividade e inicia outra. Aqui é importante salientar que o observador deve anotar a atividade encerrada e a atividade iniciada.

ANÁLISE DOS DADOS

Foi realizada uma análise estatística descritiva no sistema IBM SPSS Statistics 20.0 de todos os dados das três observações. Os dados foram analisados na forma de média e desvio padrão entre os grupos das meninas e dos meninos, e da frequência em que os eventos ocorreram. Também os dados obtidos no Protocolo de Observação e no Diário de Observação foram analisados de acordo com a literatura.

RESULTADOS

De acordo com o protocolo adotado, os dados coletados foram separados em três grandes grupos: Tipo de Interação, Tipo de Brinquedo e Tipo de Atividade.

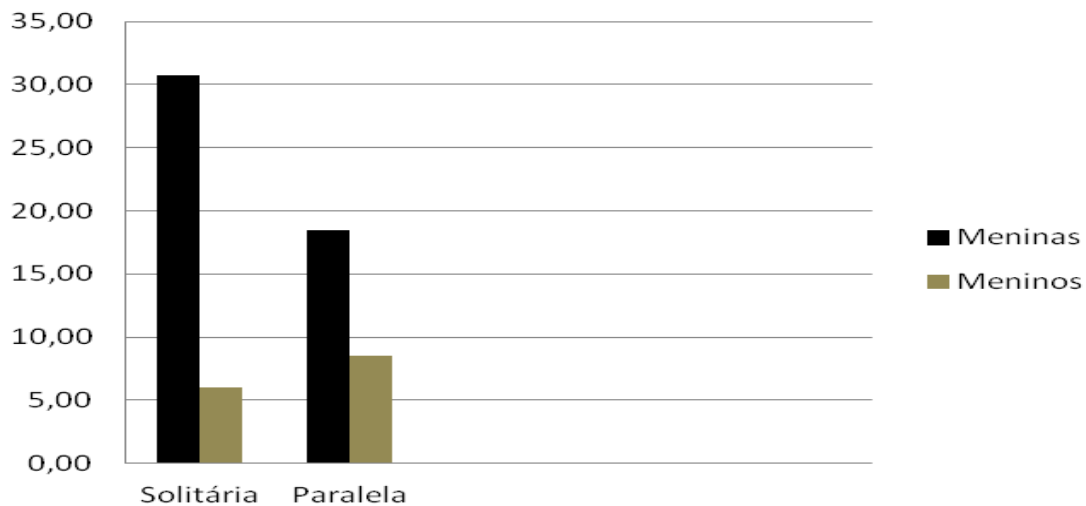
Quanto ao Tipo de Não-Interação (Figura 1), meninas brincaram 30,75 ($\pm 10,68$) das vezes solitárias e 18,50 ($\pm 7,89$) das vezes em



brincadeiras paralelas; enquanto os meninos brincaram 6,00 ($\pm 8,48$) das vezes do tempo solitários e 8,50 ($\pm 2,12$) das vezes em brincadeiras paralelas. Em relação à Interação

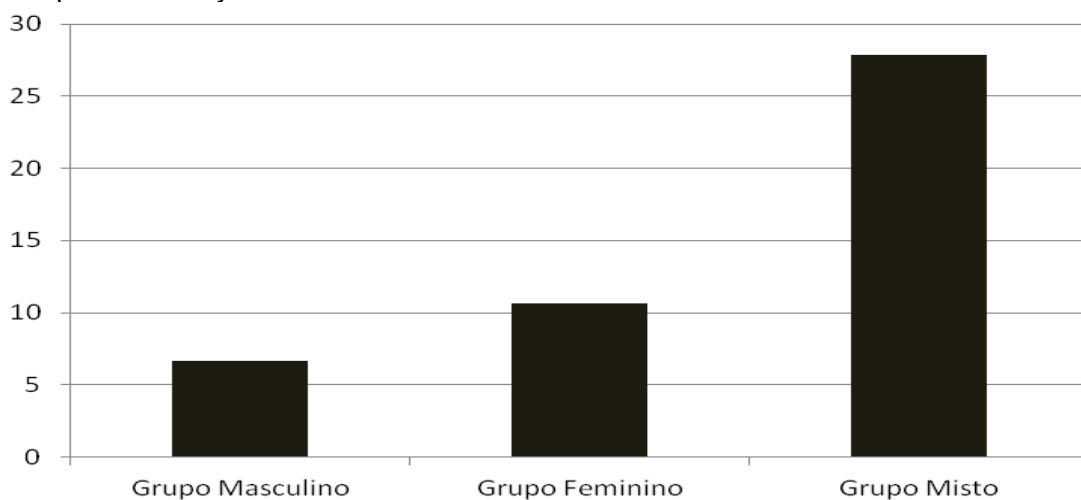
(Figura 2), 6,67 ($\pm 6,12$) das vezes o grupo homogêneo foi composto por meninos e 10,67 ($\pm 8,82$) das vezes composto por meninas e 27,83 ($\pm 8,68$) das vezes o grupo foi misto.

Gráfico 1 – Tipo de Não-Interação



Nota: construção das autoras

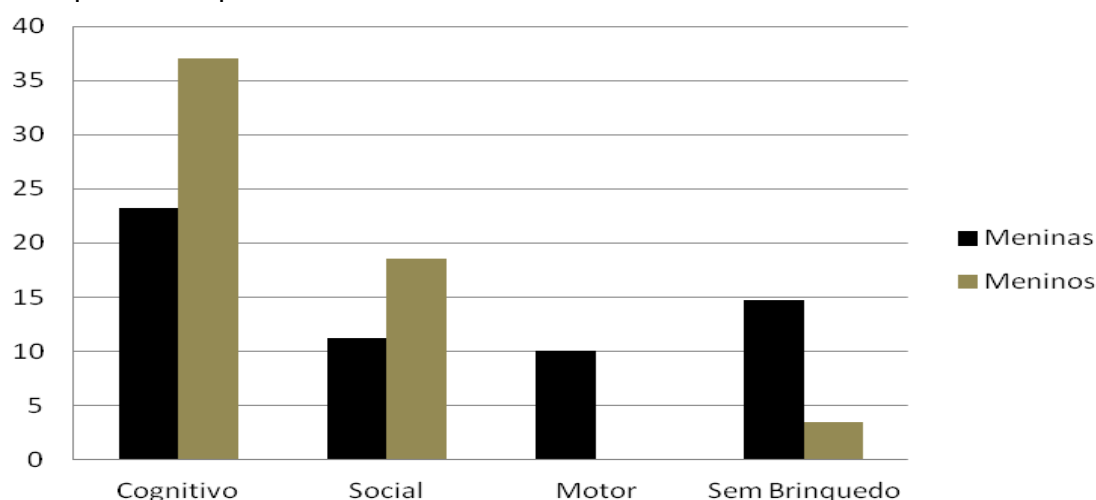
Gráfico 2 – Tipo de Interação



Nota: construção das autoras

Quanto ao Tipo de Brinquedo (Figura 3), o brinquedo cognitivo teve maior aparição (37 meninos ($\pm 9,89$) e 23,25 meninas ($\pm 2,98$), seguido do brinquedo social que teve aparição de 18,5 meninos ($\pm 9,19$) e 1,25 meninas ($\pm 6,39$). O brinquedo motor não apresentou ocorrência entre

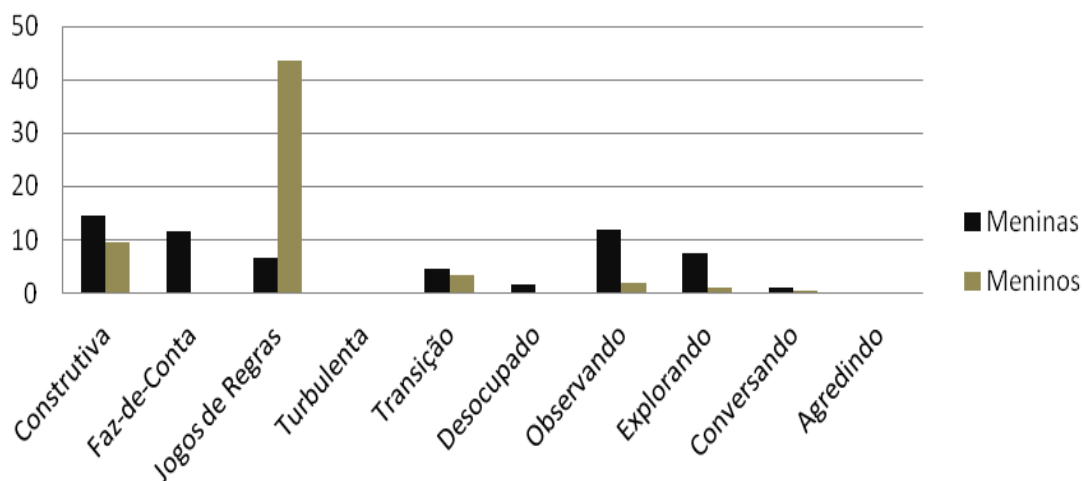
os meninos e apresentou ocorrência em 10 ($\pm 7,43$) das vezes no brincar das meninas. As meninas ficaram sem brinquedo durante 14,75 ($\pm 7,58$) das vezes da observação, enquanto os meninos permaneceram 3,5 ($\pm 3,53$) das vezes.

**Gráfico 3 – Tipo de Brinquedo**

Nota: construção das autoras

Quanto ao Tipo de Atividade (Figura 4), o de Faz-de-Conta não teve ocorrência entre os meninos, enquanto, nas meninas, apareceu em 11,5 (+9,67) das vezes. A Brincadeira Construtiva apareceu em 9,5 (+12,02) das vezes nos meninos e 14,5 (+12,97) das vezes nos meninas. Os Jogos de Regras fizeram parte de 43,5 (+12,02) das brincadeiras dos meninos, contra 6,75 (+7,89) das meninas. Na atividade de Transição, 3,5 (+0,70) das vezes os meninos e 4,5 das (+1,29) vezes as meninas estiveram em tal atividade. Não houve ocorrência da Atividade

Desocupado entre os meninos, já nas meninas teve ocorrência em 1,5 (+1,29) das vezes. A Atividade Observando teve ocorrência de 2 (+1,41) nos meninos e 12 (+5,71) nas meninas, bem como a Atividade Explorando, que apresentou 7,5 (+6,60) aparições nas meninas e 1,0 (+1,41) aparições nos meninos. A Atividade Conversando apareceu 1 (+1,15) vez no brincar das meninas e 0,5 (+0,70) das vezes no brincar dos meninos. As atividades Turbulenta e Agredindo não apresentaram ocorrências em ambos os grupos.

Gráfico 4 – Tipo de atividade

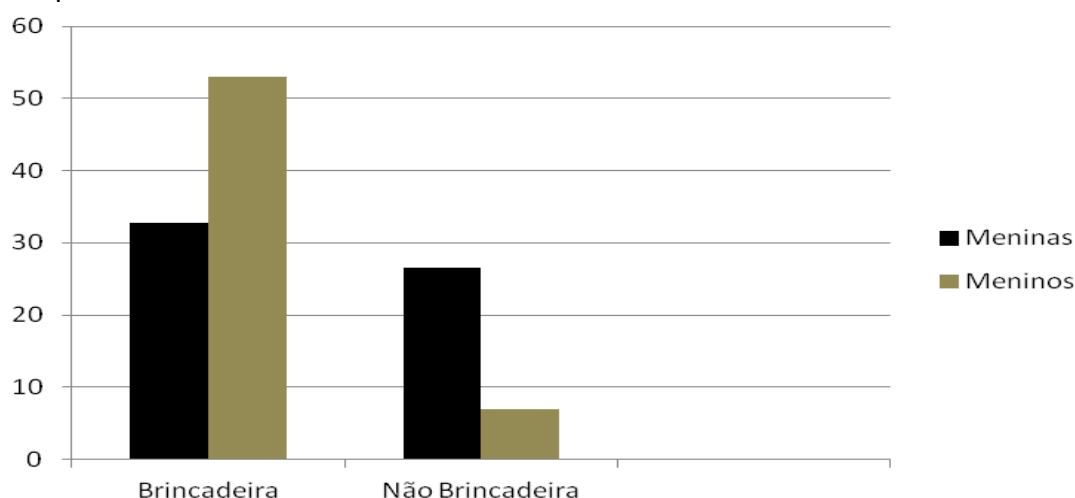
Nota: construção das autoras

A Brincadeira (Figura 5) foi presente em 32,75 ($\pm 32,75$) das vezes entre as meninas e 53 (± 53) das vezes entre os meninos. Já a Não-

Brincadeira foi observada 26,5 ($\pm 26,5$) vezes na observação das meninas e 7 (± 7) vezes na dos meninos.



Gráfico 5 – Tipo de atividade



Nota: construção das autoras

DISCUSSÃO

Cordazzo e colaboradores (2010) perceberam em suas observações que crianças em idade escolar tendem a brincar em grupos, o que foi diferente do observado. Podemos elencar diferentes alternativas para essa diferença, uma vez que no contexto hospitalar as crianças ficam internadas por curto espaço de tempo e tem suas atividades lúdicas prejudicadas por conta da mesma e, também por não terem tempo para criarem vínculo com as outras crianças.

No estudo de Hostert e colaboradores (2014) realizado em um Hospital Oncológico Pediátrico levantou-se os motivos pelos quais as crianças não frequentavam a brinquedoteca do hospital. Segundo os autores, 25% das justificativas estavam centradas no próprio ambiente hospitalar, tais como o risco de infecção e o atraso do desenvolvimento acarretado pela longa internação. O estudo também avaliou aspectos comportamentais das crianças internadas sob a perspectiva do cuidador principal, e os dados mostraram que as crianças mostravam sintomas clínicos como dor de cabeça e dor de estômago; e sintomas comportamentais como falta de sono, falta de apetite e medo da internação e da doença; sintomas estes que interferem na atividade lúdica da criança. Estes dados permitiram dialogar com a minha pesquisa e refletir o motivo de a Não-Brincadeira ter sido tão frequente no estudo. No último dia das observações, uma menina de 4 anos que

permaneceu todo o período dentro da casinha, sozinha, sem brincar, apenas observando e explorando o ambiente, como se estivesse realizando um reconhecimento do espaço, mesmo isto acontecendo tardiamente. A casinha fica localizada em um canto da sala. Ela é construída de madeira, possui uma porta, uma janela e telhado com chaminé. Dentro deste espaço existe um fogãozinho de plástico, uma geladeira também de brinquedo, mesinha e cadeirinhas, bem como caixas organizadoras com bonecas, talheres, copos, pratos, panelinha, comidinhas de brinquedo. Essa menina chamou minha atenção uma vez que esse comportamento da não-brincadeira foi o mais frequente. Com isso, alguns questionamentos vieram-me tais como: como era o ambiente em que essa menina vivia e frequentava? Como eram suas relações familiares? Enfim, diversas possibilidades que tentariam explicar o seu comportamento. A partir da observação dessa menina, questionamentos mostram-se necessários sobre o motivo deste comportamento da não-brincadeira ter sido tão frequente em todo o grupo, uma vez que os participantes frequentavam diariamente a Sala de Recreação, então, o ambiente não era desconhecido para essas crianças, mas, talvez, a experiência de uma internação hospitalar, ainda é desconhecida e complexa para ser entendida pela criança, uma vez que ela está afastada do convívio do seu ciclo familiar e social. O comportamento dessa menina não difere de outros estudos semelhantes. Barreto e Silvestrini



(2008) ao observarem a preferência de meninas por brincar com casinhas sugerem que as motivações para a escolha do brinquedo preferido aparecem vinculadas à perspectiva de vivenciar situações próprias de um futuro feminizado, para o qual vão sendo conduzidas. A preferência pelas bonecas e objetos da vida cotidiana que recorrem sobre cuidar de um lar indica a introjeção de valores que conduzem ao lugar de mulher, mãe, avó e dona de casa. Tais atividades aparecem em outros estudos os quais, grosso modo, representam as mulheres ligando-as à domesticidade, muitas vezes abordando, ainda, valores estéticos indicando que geralmente estão envolvidas com as profissões humanitárias e educacionais (COULTHARD; LEEUWEEN, 2004).

Outro fato interessante é que esse fenômeno apareceu mais vezes entre as meninas, o que nos leva a algumas reflexões e hipóteses como, por exemplo: as meninas apresentavam uma faixa etária menor, o que também torna a adaptação a um novo ambiente mais difícil, bem como a compreensão do significado do mesmo. Esse pode ser um fator a pesar no fato de não escolherem nenhum brinquedo para interagir. Outro fator importante, é que, os meninos eram portadores de doenças crônicas, o que acarretou a diversas internações durante toda a vida, o que faz com que eles já estejam mais acostumados com a situação de uma internação hospitalar.

Nos estudos de Macarini e Vieira (2006) e Cordazzo e colaboradores (2010) foi observado que as crianças tendem a brincar por mais vezes em grupos homogêneos no que diz respeito ao sexo (formados por integrantes do sexo feminino, ou somente por integrantes do sexo masculino), do que em grupos mistos. O que também foi constatado no estudo, principalmente entre os meninos, que apresentaram menor ocorrência de eventos de grupos mistos. Este fato chama atenção por diversos motivos. Primeiro, que a amostra foi composta por 2 meninos e 4 meninas, o que nos faria pensar que os meninos iriam interagir com as meninas por serem um grupo menor. Mas essa separação apresentada pelos meninos vem ao encontro com os dados de Silva e colaboradores (2004), que, ao observar a brincadeira de rua de crianças também relatou que a segregação é uma característica comum

nos grupos de brincadeira, sendo expressivamente maior entre os meninos e quase nula entre as meninas (CORDAZZO, 2003).

Em seu estudo Cordazzo e colaboradores (2010) apontam que a composição do grupo tem influência nas escolhas das brincadeiras, e também no conteúdo das mesmas. Nesse sentido, se pensarmos o grupo de brincadeiras dentro de um contexto de desenvolvimento percebemos que ele aparece como um espaço de confronto e negociação, que se apresenta como mediador do processo de abstração das regras sociais e cognitivas, onde também estão incluídas as noções de diferenciação de papéis de gênero (SILVA et al., 2004). A criança se compara aos pares, e assim as meninas se tornam mais parecidas com as outras meninas e os meninos com os outros meninos. Por isso, Martin e Fabes (2001) acreditam que a segregação por sexo afeta o desenvolvimento das crianças, canalizando interesses e experiências e limitando os tipos de atividades nas quais se envolvem visto que, quanto mais elas se expõem aos pares do mesmo sexo, seus comportamentos se tornam mais diferenciados. Corroborando com este pensamento Pontes e Magalhães (2003) afirmam que o contexto social modela o comportamento social. Os elementos culturais não são apresentados igualmente às crianças, de modo que algumas brincadeiras são praticadas somente por determinados grupos, sendo eles segregados por idade e gênero. Andrade (2008) acrescenta que estes saberes não dizem apenas sobre o corpo, mas dizem também sobre a sexualidade das pessoas, sobre os modos de ser homem ou mulher, branco ou negro, jovem, adulto ou velho. Ou seja, são discursos que dizem sobre todos nós, produzindo aquilo que somos ou devemos ser, produzem a nossa identidade.

Durante as observações foi possível perceber que os meninos estavam dispostos a brincar com uma menina em específico, que tinha a idade próxima à deles e que ambos já conheciam anteriormente e tinham amizade. Esta menina funcionava como um elo, que aumentava o grupo, convidando outras meninas para brincarem junto. Quando essa menina não estava disposta a participar da mesma brincadeira que os meninos, os dois grupos não interagiam.



No decorrer das observações, foi constatado uma grande diferença no número de vezes que meninas apresentaram o brincar de faz-de-conta em comparação com os meninos, dado este que também foi apresentado no estudo de Cordazzo e colaboradores (2010). Ainda, em todos os momentos, as meninas estavam brincando dentro da casinha, reproduzindo situações vivenciadas nas famílias, em especial, a relação entre mãe e filha ou ainda imitando a realização dos afazeres domésticos. Nesse sentido não houve possibilidade de estabelecer diálogo com as brincadeiras executadas por meninos, grosso modo, direcionadas para o brincar de faz-de-conta. Quanto à forma em que essa brincadeira é desenvolvida Conti e Sperb (2001) perceberam que as meninas brincaram de imitação de papéis adultos relacionados a tarefas domésticas, reproduzindo desde cedo algumas das funções que culturalmente são associadas ao seu futuro como mulheres.

O grupo masculino apresentou preferência pelo brincar construtivo, especialmente o brinquedo Lego, que são várias peças de plástico de diversas formas que, encaixando-as pode-se criar infinitas formas, pelos meninos e a massinha de modelar entre as meninas. Interessante ressaltar que os meninos limitaram a apenas construir com o Lego, não usando as construções para desenvolver outra brincadeira; fato bastante diferente das meninas, que construíram elementos das brincadeiras, principalmente alimentos, o que foi posteriormente utilizado pelas mesmas nas mais diversas brincadeiras. Este dado diverge do estudo de Cordazzo (2003) o brincar construtivo foi pouco utilizado. Ainda no estudo de Cordazzo (2003), o brinquedo motor teve uma grande ocorrência entre os meninos, igualmente como no estudo de Conti e Sperb (2001) que foi concluído que o uso de objetos para atividades físicas apresenta frequência mais alta no grupo masculino do que no feminino, o que se mostrou o oposto observado (aqui, este tipo de brinquedo foi denominado de “Brinquedo Motor”). Interessante que este dado contrapõe a ideia de Louro (2007) que conforme crescemos, principalmente para os homens, é obrigatório tornar-se um adulto bem-sucedido, e para tal, muitos buscam o esporte para cumprir tal

objetivo, o que torna o esporte um interesse obrigatório masculino. No tempo em que as meninas utilizaram o brinquedo motor, elas estavam andando de motoca ou de bicicleta, utilizando o espaço da sala para se movimentarem. Este dado pode estar associado com a faixa etária das meninas que realizaram essas atividades (3 a 4 anos de idade), o que, segundo Negrine (1995), é a etapa na qual a criança usa mais este tipo de atividade.

As observações mostraram uma preferência das meninas por não utilizar brinquedos, sendo o segundo lugar das preferências das mesmas, o que também foi relatado no estudo de Cordazzo e colaboradores (2010). Durante as observações os momentos em que as crianças estavam sem o brinquedo coincidiu, em sua maioria, com o momento em que não estavam em nenhuma brincadeira, estando em atividades como observar o ambiente, conversar, ou até mesmo em um momento de transição de uma atividade para a outra. O momento em que o não usar um brinquedo aparece atrelado a um único tipo de brincadeira, o faz-de-conta, mas em poucos momentos.

Outro dado coletado durante as observações, foi que o Jogo de Regras teve uma ocorrência maior entre os meninos, convergindo com o estudo de Cordazzo (2003) e Silva e colaboradores (2012). Durante as observações os meninos brincaram principalmente de jogos tabuleiro e carta. O jogo de tabuleiro foi o “Detetive”, jogo onde cada jogador é um personagem e caminham sobre o tabuleiro entrando em locais de uma cidade para desvendar um assassinato. Existem cartas com os suspeitos, armas do crime e locais do crime, uma carta de cada categoria é retirada do bolo e escondida de todos os jogadores. Todas as cartas são embaralhadas e distribuídas aleatoriamente para os jogadores, que fazem palpites de local, arma e suspeito do crime, e o jogador que possui a carta deve mostrá-la, até saber quais são as cartas que estão escondidas. Também foi bastante utilizado o jogo de cartas “UNO” onde cada jogador recebe 7 cartas e tem que ir descartando-as até ficar sem nenhuma carta na mão. Esses jogos necessitam de vários jogadores para se tornarem mais interessantes e foi exatamente durante esses jogos que a brincadeira



mista mostrou-se presente. Outro jogo de regra que se mostrou exclusivamente masculino durante a observação foi a “Sinuca”, jogo onde o objetivo é colocar todas as bolinhas do adversário na caçapa tocando nelas com um taco de madeira. Entre os jogos “UNO” e “Detetive”, onde o grupo composto foi misto, apenas são necessárias habilidades cognitivas, as habilidades motoras não fazem diferença para o jogo. Isso se torna diferente na “Sinuca” onde a habilidade motora para bater no taco na bolinha e colocá-la na caçapa é fundamental para ganhar o jogo. Jogos como estes parecem associados às representações de masculinidade presentes em nossa sociedade visto que envolvem ações recomendadas para os meninos. Do mesmo modo, a Sinuca se relaciona com um espaço de sociabilidade de homens, o bar, ou seja, os corpos ganham sentido socialmente (LOURO, 2007).

A diferença da preferência pelo jogo motor pode ser explicada uma vez que o grupo masculino dispunha de um maior número de crianças na faixa etária de 6 a 12 anos, faixa etária em qual a participação em brincadeiras de regras é mais expressiva (SILVA et al., 2012). O jogo de regras é uma estratégia importante do aprendizado para viver em sociedade, pois nele temos que seguir regras impostas, acatar com as consequências do não cumprimento das mesmas, ou seja, faz um ensaio para a vida adulta. (PONTES; MAGALHÃES, 2003).

Enfim, a diferenciação de gênero se fez presente na observação realizada com crianças hospitalizadas. Ainda que o brinquedo não comporte em si a generificação, o seu uso e apropriações indicam esse processo evidencia, portanto, que o gênero é uma construção cultural cujas representações estão extremamente arraigadas em nossa cultura. Desse modo, o brincar, a brincadeira e o brinquedo não podem ser analisados sem considerar o completo processo que formam a identidade dos sujeitos, a qual, necessariamente está relacionada com as relações de gênero. Desse modo, corroboro com a afirmação de Brougère (2004, p. 289) quando salienta que “Meninos e meninas não brincam da mesma maneira, nem com os mesmos objetos”. Eles, os objetos, funcionam como suporte das diferenças nas experiências lúdicas.

CONSIDERAÇÕES (QUASE) FINAIS

A metodologia observacional utilizada no presente estudo facilitou para que pudéssemos perceber diferenças de gênero no brincar das crianças, mas também mostrou características do brincar das crianças internadas. A brincadeira é um meio de enfrentamento da doença, mas também é maneira como a criança se expressa e como ela dialoga com o mundo externo (e também interno).

A partir dos dados apresentados neste estudo, cabe-nos a refletir sobre a citação de Conti e Sperp (2001): quando indicam que: “Quando a criança usa as informações sobre o papel de cada gênero, construídas culturalmente, ela gradualmente constrói sua própria versão de identidade de gênero”. A partir destas informações me pus a pensar que, para essas crianças, o local onde ela passa a maior parte do tempo, e onde ela interage com outras crianças e tem certa referência é o próprio hospital. Ao refletir sobre essa situação recorro à Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2003) quando ensina a pensar no paciente não só como a doença, mas sim como um ser humano completo, que possui várias características, como a sua crença, o seu meio social, suas questões psicológicas. Mas a construção de gênero não se enquadra dentre estas características sociais e psicológicas?

Quando falamos de crianças não podemos deixar de falar da sua formação dentro do contexto da saúde. Essas crianças hospitalizadas, principalmente pacientes crônicos, passam a maior parte de seu tempo dentro do hospital devido às internações regulares e, conseqüentemente nós, os profissionais da saúde nos tornamos responsáveis por boa parte da sua formação, não somente na esfera biológica, mas também na esfera psicossocial. Portanto, a criança que ali está não é apenas um ser adoecido, mas uma complexidade que envolve várias marcações identitárias: classe social, raça/etnia, pertencimento religioso e gênero.

Em vista disso, faço um questionamento para os profissionais de saúde: de que forma estamos atuando para a formação de uma sociedade mais justa e igualitária em relação às questões de gênero?



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, corpo e educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar Estermann; SOARES, Rosângela. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2008.

BARRETO, Flávia de Oliveira; SILVESTRI, Mônica Ledo. Relações dialógicas interculturais: brinquedos e gênero. **Reunião Anual da ANPED**, 28. Caxambu, MG, 2005. Disponível em: <<http://28reuniao.anped.org.br/textos/ge23/ge23943int.pdf>>. Acesso em: out. 2016.

BRASIL. **Lei Federal nº 8.080**. 19 set. 1990.

BRASIL. **O SUS de A a Z: garantindo saúde nos municípios**. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009.

BRASIL. **Política Nacional de Humanização: documento para discussão: versão preliminar**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL. **Programa Nacional de Humanização: clínica ampliada e compartilhada**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2009.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. São Paulo: Cortez, 2004.

CONTI, Luciana de; SPERB, Tania Mara. O brinquedo de pré-escolares: um espaço de resignificação cultural. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 17, n. 1. p. 59-67, jan./abr., 2001.

COULTHARD, Carmen Rosa Caldas; LEEUWEEN, Theo Van. Discurso crítico e gênero no mundo infantil: brinquedos e a representação de atores sociais. **Linguagem em (dis)curso**, v. 4, número especial, p. 11-33, Tubarão, SC, 2004.

CORDAZZO, Schiella Tatiana Duarte. **Caracterização de brincadeiras de crianças em idade escolar**. 82f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2003.

CORDAZZO, Schiella Tatiana Duarte; VIEIRA, Mauro Luís. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e pesquisas em psicologia**, v. 1, n. 1, 2007.

CORDAZZO, Schiella Tatiana Duarte e colaboradores. Metodologia observacional para o estudo do brincar na escola. **Avaliação psicológica**, v. 7, n. 3, p. 427-438, 2008.

CORDAZZO, Schiella Tatiana Duarte e colaboradores. Brincadeira em escola de ensino fundamental: um estudo observacional. **Interação em Psicologia**, v. 14, n. 1. p. 43-52, 2010.

GAINO, Silvana Batista. **Identidade de gênero em crianças com transtorno do espectro autista (TEA)**. 160f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, v. 1, n. 2, p.71-83, mar., 2010.



HOSTERT, Paula Coimbra da Costa Pereira; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; LOSS, Alessandra Brunoro Motta. Brincar e problemas de comportamento de crianças com câncer de classes hospitalares. **Psicologia: teoria e prática**, v. 16, n. 1, p. 127-140, abr., 2014.

LOCH, Mathias Roberto; FLORINDO, Alex Antônio. A educação física e as residências multiprofissionais em saúde. **Revista brasileira de atividade física & saúde**, v. 17, n. 1, p. 81-82, abr., 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes e colaboradores. (Orgs.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MACARINI, Samira Mafioletti; VIEIRA, Mauro Luís. O brincar de crianças escolares na brinquedoteca. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, v. 16, n. 1, p. 49-60, 2006.

MACHADO, Marina Marcondes. **O brinquedo-sucata e a criança: a importância do brincar, atividades e materiais**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MARTIN, Carol Lynn; FABES, Richard A. The stability and consequences of young children's same-sex peer interactions. **Dev Psychol.** v. 37, n. 1, p. 431- 446, 2001.

MICHELET, André. **Classificação de jogos e brinquedos: a classificação ICCP**. In: FRIEDMANN, Adriana e colaboradores (Orgs.). **O direito de brincar: a brinquedoteca**. 4. ed. São Paulo: Abrinq, 1988.

MOTT, Alessandra Brunoro; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Brincar no hospital: câncer infantil e avaliação do enfrentamento da hospitalização. **Psicologia, saúde & doenças**, v. 1, n. 3, p. 23-41, 2002.

NEGRINE, Airton. Concepção do jogo em Vygotsky: uma perspectiva psicopedagógica. **Movimento**. v. 2, n. 2, jun., 1995.

PELLEGRINI, Anthony; SMITH, Peter K. Physical activity play: the nature and function of a neglected aspect of play. **Child Development**, v. 69, p. 577-598, 1998.

PONTES, Fernando Augusto Ramos; MAGALHÃES, Celina Maria Colino. A transmissão da cultura da brincadeira: algumas possibilidades de investigação. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003.

ROZA, Eliza Santa. **Quando brincar é dizer: a experiência psicanalítica na infância**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

SILVA, Lúcia Isabel da Conceição e colaboradores. Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: a hipótese de aproximação unilateral. **Psicologia: reflexão & crítica**, v. 19, n. 1, p. 114-121, 2004.

SILVA, Sarah Danielle Baia e colaboradores. Brincadeiras de rua em Belém-PA: uma análise de gênero e idade. **Psicologia: teoria e prática**, v. 12, n. 2, p. 28-42, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.



WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.